

# BIS

Edição n. 206 - Março de 2023

*Esta edição apresenta texto sobre a importância da escuta  
Assina essa edição: Luiz Ziegelmann- Psiquiatra e grupo-terapeuta do SSC-GHC*

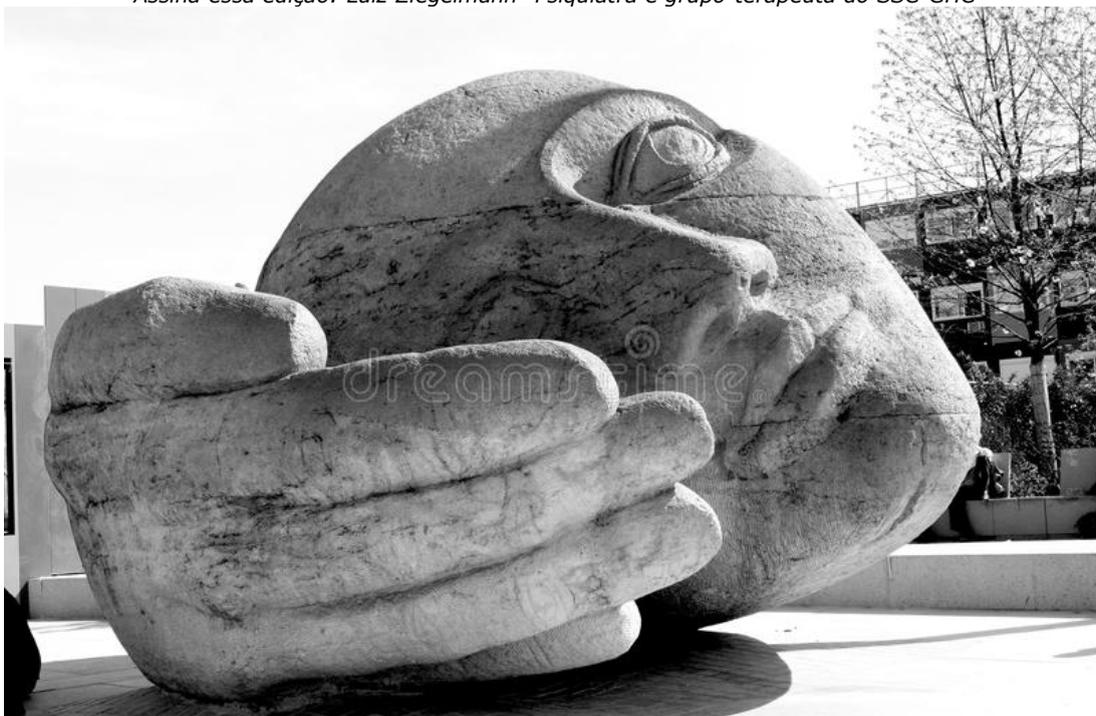


Imagem disponível em [Dreamstime](#): Escultura de Henri Miller que se encontra próxima a Igreja de Saint Eustaque em Paris

## A Escuta da Pele

Peço que não se surpreendam, de antemão, com o título desse texto, que parece soar como algo absurdo, fora de propósito e que não convida à reflexão. Por favor, tenham paciência e peço um voto de confiança nas ideias formuladas, em prosa, como forma de seduzir aqueles mais apressados ou impacientes.

A pele poderá ser entendida aqui como uma metáfora do corpo, pela mudança que sugere e ao mesmo tempo favorece um novo conceito. A pele que protege, aqui terá um outro significado, que é o da escuta, tema das reflexões a seguir.

Ao contrário do que me ensinaram ao longo da vida, e, depois de anos do trabalho clínico, compreendi que a escuta que produz diferença é da pele e não dos ouvidos. Pelos ouvidos ouvem-se sons. Eles entram por um ouvido e saem pelo outro e se perdem nas nuvens,

assim como acontece com o vento que cruza por entre os dedos e segue como nômade, livre e por onde quiser. Existem outros sons atordoantes da vida: os gritos de desamparo, da violência, da solidão e do vazio existencial, da dor física, da saudade na alma daqueles que partiram de repente, sem tempo de despedida ou nos deixaram quando não poderiam partir, porque nos deixarão órfãos de bons afetos. Estes precisam ser escutados pela pele e não apenas ouvidos, para que não passem despercebidos.

Escutar pela pele é sentir o que o outro diz, é um acontecer no corpo e que pode trazer potência as novas experimentações no processo de aprendizagem e no cuidado, como veremos mais abaixo.

Para que servem então os ouvidos? Para ouvirmos o canto dos pássaros, o barulho das ondas do mar, o

sopro do vento minúano e todas aquelas melodias que acalenta a alma e traz leveza ao corpo cansado e desamparado por um mundo cindindo entre aqueles que querem poesia e aqueles que querem a guerra. Porém, se esta escuta for também da pele, ela ganha sensibilidade e traz a poesia ao corpo.

O som que não chega na pele ou não passa dos ouvidos é predominante naqueles que tem a consciência mais concretada, são mais racionais e menos permeáveis ao diferente, ao aprofundamento das ideias, a inclusão da historicidade, das noções de tempo e espaço na percepção do real e, logo, uma menor sensibilidade humana e social. Os efeitos disso, no processo de formação profissional, é um aprendizado menos contextualizado, menos crítico e a clínica será pouco criativa, não se amplia, não se renova, ficando presa aos sintomas e distante da produção de saúde e de vida. Isto tem como efeito maior nos usuários a cronificação das doenças, que poderiam ser evitadas ou minimizados seus danos na clínica, se a escuta fosse pela pele.

A escuta da pele toca a alma, provoca uma dobra no corpo, inquieta o pensamento e nos provoca, positivamente, para não ficarmos preso no acontecido (passado) e buscar o acontecer, ou devir, tornando possível a que outro aprendizado se ofereça, como força do diferente (da criação do novo, do vir a ser outro).

A escuta que chega na pele acontece naquela consciência que tem porosidade, faz eco, encontra a necessidade e o desejo no corpo como vontade de afirmar a vida. É um acontecer que gera potência. É importante citar o filósofo Spinoza, sobre a política dos afetos (dos encontros). Spinoza vai dizer que todo o encontro é um afetar o outro (corpo), produzindo um afeto positivo (alegria, bem-estar, prazer e outros) ou negativo (tristeza, raiva, inveja e outros ressentimentos). Dar-se conta do tipo de encontro (se potencializa ou despotencializa) e do tipo de afeto produzido é fundamental para o enfrentamento de adversidades e a busca de outros caminhos ou modos de existência.

A proposta de Chegar antes do adoecimento psíquico implica numa escuta da pele, pela compreensão que na APS e na perspectiva do Cuidado Integral em Saúde a prioridade é a promoção e prevenção.

### **Como se efetiva a escuta da pele?**

Em primeiro lugar é preciso estar ali, de corpo inteiro, ter o desejo de escutar, de se deixar afetar/tocar pelo que vem de fora e desse encontro nasce um terceiro (o novo). A escuta da pele implica num corpo

comprometido e desejanste do aprendizado. É muito difícil tocar o outro quando o corpo está num lugar apenas como representação social ou, inconscientemente, em busca de alguma forma de reconhecimento, sem implicação com o acontecimento.

Em segundo lugar, a efetivação do aprendizado ou conhecimento vem da experimentação ou reexperimentação do corpo (prática ou atividade, movimentar-se). Trago como ilustração a bicicleta, como uma metáfora. Ninguém apreende a andar de bicicleta pelo ouvido, ou seja, ouvir que andar de bike é legal, não bastará para sair pedalando. A chance de queda é real! Não sugiro. O aprendizado virá do andar, do experimentar a bike e a repetição dos movimentos trará a segurança para que a bike passe a ser incorporada no corpo e teremos o "corpobike". E assim é com um abraço, um vinho e todos os encontros que afetam positivamente.

### **Quem não consegue escutar pela pele e, às vezes, nem pelos ouvidos, são aqueles que?**

- Desejam muito falar, pela necessidade de desabafar algo que lhes produz angústia, sufoca, ou outro mal-estar.

- A ansiedade pode produzir uma aceleração do pensamento, dificultando a atenção e a concentração, pois um "mundo" de coisas atravessa a mente e tolhe a capacidade de escuta do que vem de fora; assim como a tristeza maior (depressão) também pode prejudicar a escuta.

- Muito vaidosos – sem darem-se conta disso, pela dificuldade da autocrítica, monopolizam as palavras e cortam como tesoura cega a fala do outro. Estes "falantes", pela necessidade de atenção ou reconhecimento, tem seu olhar capturado pelo espelho narcísico.

- Não toleram o diferente.

### **Consequências ou efeitos da não escuta**

A não escuta do outro, não passa batido, carrega um prejuízo à alteridade positiva (perceber o outro em sua singularidade, com as suas diferenças), fortalece a indiferença e não oferece a possibilidade do aprendizado de algo novo, acarretando prejuízo aquele espírito coletivo de somar, compartilhar e transversalizar conhecimentos. Assim pouco ou nada se muda, as coisas se repetem e as forças criativas vão congelando no tempo.

**Dedico este texto aqueles que chegam para aprender, que continuarão aprendendo e criando práticas em saúde que intensifiquem a vida!**